

Prostituição o que é?

Domingo 12/4/87

Eu sempre tenho acompanhado os artigos, os contos e os poemas do juvenil Alexandre Perez Azedo com grande admiração, concluindo (já para mim, já se vê) que o jovem Azedo é incomparável em saber e em militância entre a nossa juventude, não havendo nenhuma dúvida de que esta muito está ficando a dever ao garboso jovem Perez Azedo. Ele vem dando um contributo inestimável para a evolução das ideias dos nossos adolescentes, ou seja, para a transformação das suas mentalidades no sentido de fazer deles homens novos.

Além do mais, este incansável colaborador do «Juvenil» é ainda de uma modéstia enternecedora. Vejam lá que, falando-se dele de fazer versos que até têm tido todo o acolhimento nas páginas do «Domingo», diz que não é poeta. Assim também não vale, jovem Azedo. Ou sou eu que não entendo lá muito bem essa coisa de haver «poesia» como o Nelson quer e outra ou outras poesias? As alexandrinas, por exemplo. Do verso alexandrino já eu tenho ouvido falar. Mas isso é verso (verso de 12 sílabas),

não é poesia. Porque poesia é poesia, e acabou-se.

Acabei de referir-me, claro, à resposta que o mancebo Azedo deu ao Nelson Saúte na revista «Tempo». Ai apreciei extraordinariamente foi aquela citação do Oscar Wilde, em Inglês e tudo.

Só não sei foi para que meteu o jovem Azedo a tradução para Português logo a seguir. Isso é que não me pareceu bem, por que certamente há por aqui mais quem conheça a língua do Oscar.

Mas perdoem os leitores, se os houver. Perdoem que eu me tenha alongado sem falar em prostituição, que era só isso ao que eu vinha. E simplesmente para apoiar calorosamente, entusiasticamente, o jovem Perez

Azedo na defesa das «balitas» (estes termos assim entre aspas, muito usados pelo jovem prosador Perez, dão um colorido cheio de calor — são cores quentes, naturalmente — aos seus muito apreciados escritos) que, em «part-time» se vêm por aí acompanhadas de estrangeiros e se vão divertir ganhando ao mesmo tempo uns dólares ou rands. Muito bem, Azedo moço, assim mesmo

é que é! Eu nem sabia — confesso — que havia quem tivesse a audácia, o descaramento e a pouca vergonha de chamar prostituta à jovem moçambicana, que se vende por um punhado de

portanto, alucinação nenhuma), será que o jovem Alexandre já adquiriu depois disso a nacionalidade moçambicana?

Bom, mas isso foi agora mesmo, ao reler essa coisa de cha-



dólares ou talvez nem tanto.

Já era realmente tempo de haver nesta terra quem, de lança em riste, aparecesse, muito cavalheiramente, a defender a honra das nossas compatriotas.

Compratriotas?!... Mas, espera aí... Eu não terei lido, em mais uma das prosas do juvenil Azedo, e também no «Juvenil», que ele nasceu aqui em Moçambique,

mas foi-se embora e voltou cá mais tarde com outra nacionalidade? Eu li isso ou é alucinação minha? E, se li (não sendo,

mar compatriota às jovens moçambicanas, que uma espécie de sino tocou, lá de longe, a rebete na minha mente. Talvez que o proficuo autor tão bem acolhido nas páginas do «Domingo» se dispunha a vir tirar-me essa dúvida.

Mas isso nem é assim tão importante nem é o que está propriamente em causa. O que está mesmo em causa é o meu desejo de manifestar ao jovem Perez Azedo (um jovem já casado e já com pelo menos um filho, a cujo nascimento assistiu lá para um dos países escandinavos — um jovem com grande experiência, por conseguinte) o meu apreço pela sua coragem em terçar armas em defesa das jovens trabalhadoras ou estudantes que se divertem a troco de um dólares ou rands. Porque, quanto ao mais que ele contém (o artigo do jovem Azedo), embora de relativamente poucas linhas, contém matéria que, devidamente aprofundada, dá para um tratado sociológico. Tudo isto vem a propósito do artigo de Alexandre Perez Azedo intitulado «isto não é prostituição» e inserto no «Juvenil» de 8 de Março findo, que, como se sabe, é a secção dedicada aos jovens no semanário «Domingo».

Contudo, acho que a coragem do jovem pai Perez Azedo devia ir um bocadinho mais longe e desancar, sem dó nem piedade, nessas jovens trabalhadoras ou estudantes moçambicanas que têm a mania de NÃO quererem divertir-se com estrangeiros ganhando ao mesmo tempo uns dólares ou rands.

Vamos, jovem Perez Azedo, vamos pôr essas prostitutas na ordem. Não são essas que são as prostitutas, o jovem Azedo casado e pai de filhos? Vamos chamar a essas todos os nomes que elas merecem. Que atrevimento é o dessas belezas (também gosto muito deste termo usado pelo jovem Azedo como substantivo) que NÃO se vêm por aí acompanhadas de estrangeiros a caminho de um cantinho qualquer onde possam divertir-se ganhando ao mesmo tempo tais dolarzinhos ou rands? Tem algum mérito isso? Chegemos-lhes, jovem, porque essas são belezas que só têm é a mania que são mais do que outras belezas cá do burgo e mais nada. E até nos estão a deixar mal colocados ao chegarem a esse arojo e a essa desfaçatez de recusar os dólares e os rands. Grandes desavergonhadas! Que não irão depois os estrangeiros dizer de nós lá fora?

É certo que há algumas ambi-

guidades no artigo do jovem Azedo, como essa de dizer que as trabalhadoras ou estudantes perdem a dignidade para irem divertir ganhando os dólares ou rands, quando, antes e depois (no seu escrito), diz que a isso não se pode chamar prostituição. E isso só porque, no entender do jovem Azedo, só há prostituição quando o ganho de dólares ou rands a encoberto da escuridão é feito a tempo inteiro, ou seja, como ele diz, tanto de dia como de noite, dia de semana ou no fim dela. Isso não será demais, jovem Azedo. Não é demais 24 horas por dia e sete dias por semana? Porque o resto, quer dizer, o mesmo ganho alcançado por trabalhadoras ou estudantes, gente que tem portanto mais com que se entreter, são apenas uns biscozinhos, umas fragilíssimas indignidades.

Estarei eu a interpretar bem, moço Perez Azedo?

Como já disse, acho que a análise do artigo do jovem Azedo a que me venho referindo dá para um tratado sociológico. E talvez também psicológico. A questão da homossexualidade, por exemplo, com SIDA e sem SIDA, daria pano para mangas.

Ora, o espaço do jornal não dá para tanto e eu não tenho tempo para tratados. Além de que não há papel para livros. Tenho, pois, que ficar por aqui.

GUILHERME AFONSO

P. S.: Tinha escrito esta carta, mas metê-la na gaveta. Por dois motivos: por ser um bocado comprido e por outras cartas que eu tenho escrito e entregue no «Domingo» terem ido direitinhas para o cesto dos papéis. Uma delas ainda muito recentemente. Isto, tendo eu sido também até agora um colaborador do semanário «Domingo».

Porém, ao ler, no último «Domingo» (o de 29/3/1987), a propósito de um texto de Almiro Santos, por sinal bem extensozinho também e que também envolve o Sr. Alexandre Perez Azedo — ao ler, dizia eu, que o «Domingo» não impede nenhum dos seus colaboradores de dar a sua opinião nas suas páginas, qualquer que seja o assunto, o que até nem é verdade, como vimos pela parte que me tem tocado, resolvi tentar mais uma vez a minha sorte.

Contudo, não é só isso que me anima a fazê-lo. É também o facto de o Sr. Alexandre Perez Azedo em mais um dos seus artigos no «Juvenil» vir esclarecer-me sobre uma questão por mim abordada na carta que antecede: a questão da sua nacionalidade. Com efeito, ele informa mais uma vez (agora tenho a certeza que já antes lera isso num outro dos seus escritos e que, por conseguinte, não se tratava de alucinação minha) que é português.

Ora, sendo assim, cá por mim acho que o Sr. Alexandre Perez Azedo não tem o direito de chamar compatriotas aos moçambicanos, apesar de ter nascido em Lourenço Marques (nessa altura era assim que se chamava) e de ser, como diz, um moçambicano de coração e alma. Será muito, tudo isso, mas não chega para se arrogar o direito de se titular compatriota dos moçambicanos.

G. A.